

A violência escolar entre mídia e realidade

RESUMO

O presente artigo versa sobre as questões da insegurança, das discriminações dela decorrentes e da mediatização dos fatos de violência escolar uma vez que a instituição escolar é, mais do que nunca, o lugar onde se opera, com toda a violência que isto supõe, a distribuição das posições sociais.

ABSTRACT

This article is about insecurity, the discriminations which result from it, and the attention school violence receives in the media. That institution, the school, is more than ever the place where the social status - and violence - operate.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Violência (*violence*)
- Incivilidade (*uncivilized*)
- Escola (*school*)

Jean-Paul Laurens*

IRSA-CRI / Montpellier III

A VIOLÊNCIA FAZ FALAR com vontade. De quantas conversas não são assunto, após encontros esportivos, festas e manifestações diversas, apenas as violências ocorridas! Mesmo que seja para freqüentemente deplorá-las e raramente louvá-las, pois há um sentimento comum em nossa sociedade: “a violência é má”. Nesse contexto, é lógico que os fatos de violência que suscitam tantos comentários ofereçam-se à mídia como uma fonte generosa para a atualidade jornalística. A violência é manifestadamente comunicativa.

A violência, a mídia e o “santuário” escolar

Esta sensibilidade social e midiática à violência é recorrente. Ela é apenas um pouco mais viva quando a questão da insegurança está em todos os espíritos, quando esta faz ou desfaz carreiras políticas, como é o caso na França, há muitos anos. Em junho de 2005, o Ministro do Interior francês, candidato declarado à eleição presidencial de 2007, anuncia publicamente querer “limpar” a periferia depois do falecimento de uma criança de 11 anos, atingida por uma bala perdida enquanto lavava o carro do seu pai. Uma metáfora pelo menos marcante, cheia de evidentes conotações guerreiras. Em janeiro de 2005, seu predecessor, hoje Primeiro Ministro e presidenciável, havia igualmente chamado a atenção da mídia, ao assumir uma operação de segurança das escolas no mínimo exemplar: um policial na porta de cada estabelecimento escolar francês para controles de identidade, inspeções e mesmo interpelações. Mais de 8 mil policiais mobilizados... Não se brinca com a violência e, sobretudo, faz-se saber.

Se os fatos de violência são comunica-

tivos, não nos impressionamos de ver os fatos de violência escolar serem ainda mais. Por uma simples razão: a França construiu sua instituição escolar à imagem de um santuário na preocupação evidente de proteger, durante a socialização, “o novo Homem” que ela tem por missão fabricar. Assim, quando surge uma forma qualquer de violência na comunidade educativa que queremos pacífica - à imagem da sociedade idealizada -, quando a paz parece ameaçada e a inocência de nossas crianças é contrariada, aí a inquietude torna-se viva, unânime e imediata.

Conseqüentemente, os mais graves atos são midiaticizados para melhor alertar a opinião pública sobre o perigo corrido. Essas violências fragilizam a delicada ação do projeto coletivo, do contrato social, do viver junto, do consenso caro a Emile Durkheim. Elas contrariam a *Educação moral*¹ que a comunidade nacional destina às novas gerações com o objetivo de instituir *A civilização dos costumes*, para retomar um título de Norbert Elias². Tudo se passa como se o jovem não devesse, e não pudesse ser, violento³. Ainda menos no cerco escolar, pois isso teria conseqüências muito graves se acontecesse aí.

A maneira como a sociedade francesa tratou recentemente a questão dos símbolos religiosos é eloqüente. A lei proibiu, daí em diante, o uso de qualquer sinal religioso ostensivo na escola. Várias discussões foram travadas sobre administração francesa ou a instituição hospitalar, mas foi na instituição escolar que concentrou-se o debate. A razão para isso é que deve haver um lugar neutralizado e pacífico na República, e este é o lugar.

De fato, a escola é posta entre parênteses em relação à violência ordinária e cotidiana. E cada Ministro da Educação nacional lembra que esta “deve [...] ser um santuário, pois recebe crianças menores, que deve proteger”⁴. É função de cada Presidente fazer da violência escolar “um fenômeno muito grave, pois ela diz respeito aos fundamentos da República”⁵.

A violência escolar midiaticizada: dos homicídios...

No começo dos anos 1980 os estabelecimentos escolares chamaram a atenção pública, via mídia, devido a os fatos de violência: um aluno morto a facadas durante uma rixa em outubro de 1979; um estudante de liceu ferido ao reagir a uma tentativa de roubo em novembro do mesmo ano; um estudante apunhalado em dezembro de 1980, um supervisor assassinado com uma faca por um aluno expulso. Mas é nos anos 1990 que a sociedade apropria-se dessa mensagem, quando os estudantes saem às ruas reivindicando mais segurança nos seus estabelecimentos. Não é mais o caso de denunciar, como faziam os “herdeiros” de maio de 68 com a violência institucional⁶, mas de reivindicar mais segurança a fim de se proteger contra atos violentos de alunos de uma mesma escola, dos *rackets*⁷, roubos, agressões, insultos e, como mencionamos, da forma mais brutal da violência escolar: os homicídios, ou tentativas de homicídio, com arma de fogo ou arma branca.

Desde então, a violência escolar não é mais um assunto tabu no seio da instituição que conhecemos, mas a causa de disfunções graves que prejudicam sua imagem. A mudança ideológica operou-se quando a “esquerda francesa”, à qual pertence majoritariamente o corpo docente, mudou a concepção dos problemas de segurança. Após ter denunciado as ideologias securitárias como fantasias, o tema da segurança apareceu, pouco a pouco, como um “valor republicano e popular”⁸. Essa mudança tem como efeito imediato o aumento da impressão da insegurança, a modificação da percepção e das práticas da violência escolar, o crescimento sensível do número de queixas e, por fim, a multiplicação das estratégias de “retomadas autoritárias” dos estabelecimentos. São fatos que jogam para o alto a contabilidade das violências escolares e contribuem à midiaticização crescente desta última.

Nossa preocupação não é estigmatizar

a mídia, que responde, no final das contas, a uma procura social. Queremos simplesmente indicar que a comunicação da informação sobre os fatos de violência escolar, por mais legítima que seja, não pode esquivar-se de certos efeitos perversos, cujas primeiras conseqüências são enfatizar o excepcional em detrimento do que constitui o cotidiano da violência ordinária. As formas tomadas pela violência escolar na França não têm o mesmo tratamento midiático.

Com efeito, se a violência escolar é assunto regularmente, como já dissemos, é devido aos fatos de extrema gravidade. O ano de 2005 oferece, como todos os que o precederam, seu lote de exemplos. No momento em que escrevíamos este artigo, uma jovem estudante do Instituto Universitário de Orléans foi morta a tiros por um estudante da sua turma ao sair da prova de defesa do seu relatório de estágio. Esse fato violento, ainda que excepcional, ou talvez justamente por ser excepcional, foi largamente comentado pela mídia: telejornais, boletins radiofônicas, imprensa escrita nacional, regional, diária e semanal.

...às violências sexuais e racistas

Apesar dos exemplos acima, a atualidade da violência escolar na França não se resume às violências físicas com arma. Ao *racket*, considerado como o inimigo escolar número um, e midiático como tal no final dos anos 1990, substituíram-se outras formas de violência escolar. E foi em torno da escola mista que a mídia centrou-se. A questão é separar meninos e meninas a fim de protegê-los das violências sexuais das quais eles são, dizem, vítimas nas escolas francesas⁹. Uma forma de violência que lembra esse movimento foi a greve de um colégio montpelierano que, em 2000, havia chamado à atenção a violência feita às jovens, que foram de irem ao banheiro durante toda o turno escolar. A midiáticação do movimento valeu aos seus representantes um encontro com o ministro dele-

gado do ensino escolar, a obtenção de três empregos de ajudantes educadores, um segundo conselheiro principal de educação e a presença de um vigia no estabelecimento.

Mais recentemente, no ano de 2005, é para as manifestações dos estudantes de liceus que se volta a atenção. No dia 8 de março, eles manifestaram-se em Paris contra a reforma da lei de orientação escolar apresentada pelo Ministro da Educação nacional. Vândalos misturam-se ao cortejo, até então nada original. Salvo que, ao invés de quebrar vitrines e afrontar forças da lei, alguns batedores agrediram estudantes a fim de roubar-lhes celulares ou leitores de MP3! Era tudo o que faltava para suscitar a emoção e a estupefação da opinião pública. Estudantes agredidos por outros estudantes! Os 9.3 contra os 7.5¹⁰; os estudantes de cursos profissionalizantes contra os vestibulandos gerais, os negros contra os brancos, a “baixaria” contra os “palhaços”... A fratura social tornou-se ingerida mesmo pela instituição escolar¹¹! O evento é amplamente midiático: dossiês e programas especiais foram-lhe dedicados. No final, presos em uma derrota que lhes ultrapassa, os escolares mudam de estratégia de luta, abandonam a manifestação de rua e multiplicam as ocupações de estabelecimentos em razão dos “incêndios devidos aos vândalos, das agressões que ocorreram durante os desfiles e do fato que a mídia não divulga outra coisa além dos incidentes”¹².

Esta atualidade da violência escolar desenrola-se num contexto de nostalgia social em relação à escola de outrora. Uma emissão de tele-realidade não hesita, aliás, em explorar o mito remoto dos tempos dourados da escola onde o “direito à correção” era tolerado e onde apenas uma elite dedicava-se ao bacharelado (vestibular). A cada volta às aulas, uma classe de jovens pensionistas preparava, sob o olhar de um “vigilante geral”, o tão respeitado Certificado de estudos¹³. É a ocasião de promover a utilização de uniformes escolares, uma vez que eles disfarçariam as desi-

gualdades das condições sociais, preservariam todos da ditadura do *look*¹⁴, evitariam que os estudantes fossem agredidos, roubados, “raquetados” por uma roupa de marca e, por fim, protegeriam o pudor das meninas, razão pela qual um colégio britânico recentemente tornou obrigatório o uso de calça para todos.

A face emersa do iceberg

A imprensa para adolescentes, como as outras, não pode negligenciar a comunicação dos fatos de violência escolar. Um jornal destinado ao público entre dez e 14 anos atribui notas ao que a atualidade coloca em relevo. Os autores de violências escolares obtêm ali a nota simbólica de 0 a 20. Constata-se sete citações no mês de junho de 2005, seis no mês de maio, apenas três em abril e maio, em seguida quatro em fevereiro e janeiro. O inventário dá uma idéia suficientemente clara dos fatos de violência no primeiro semestre de 2005:

23/6: 0/20 ao homem mascarado, armado com um canivete que agrediu a diretora de uma escola de Saint-Quentin.

22/6: 0/20 a uma assistente de maternal do Val-de-Marne que costumava dar um sonífero em xarope para cinco crianças.

22/6: 0/20 para dois estudantes que defenderam proposições racistas contra um professor de inglês de origem africana.

16/6: 0/20 para três crianças de oito a 11 anos do Calais. Eles incendiaram produtos de limpeza em uma escola.

16/6: 0/20 a um estudante e um jovem manifestante por violências e degradação de material durante uma manifestação.

10/6: 0/20 para seis estudantes do primário e ginásio. Eles incendiaram a sua escola no Eure.

01/6: 0/20 ao motorista de um ônibus

escolar. Ele foi revistado e tinha 0, 96 gramas de álcool por litro de sangue.

28/5: 0/20 para um jovem que bateu no diretor do colégio, que lhe proibia de brincar com bola em frente ao conselho de educação secundária (CES).

28/5: 0/20 ao jovem que ameaçou de morte um aluno que, com medo, não ousava mais frequentar as aulas.

28/5: 0/20 para cinco crianças de 11 a 13 anos. Elas foram presas por depredar duas escolas em Manosque.

20/5: 0/20 aos desconhecidos que saquearam duas classes maternais. Eles jogaram tinta e viraram as mesas.

17/5: 0/20 para quatro crianças que deterioraram uma escola. Elas depredaram os sanitários com extintores de incêndio.

10/5: 0/20 para uma menina de oito anos que inventou um seqüestro para não ir à escola.

14/4: 0/20 para dois estudantes de 14 anos. Eles enviaram para dois professores cartas com ameaças de morte.

12/4: 0/20 para um estudante. Ele bateu numa supervisora, que lhe pedia para esperar o fim do recreio para entrar.

02/4: 0/20 para um estudante de 15 anos de Roubaix. Autor de atos de violência com uma arma, foi expulso.

29/3: 0/20 para um motorista de ônibus escolar. Propositadamente, ele contornou a barreira fechada que sinalizava a passagem do trem.

15/3: 0/20 para três jovens que roubaram celulares durante uma manifestação de alunos em Paris.

9/3: 0/20 para dois jovens de 14 anos que depredaram uma escola maternal de Tours.

24/2: 0/20 para um estudante de 15 anos condenado por ter pintado a suástica no pátio da escola.

19/2: 0/20 para uma professora do maternal. Ela foi condenada por atos de violência cometidos contra estudantes.

15/2: 0/20 para um estudante de 12 anos. Ele tinha uma pistola-metralhadora de plástico na mochila.

3/2: 0/20 aos indivíduos que desenharam uma suástica de um metro de largura no pátio de uma escola.

25/1: 0/20 para dois alunos. Eles haviam sustentado proposições anti-semitas em uma viagem ao campo de Auschwitz

21/1: 0/20 para um professor de liceu. Este defendeu proposições anti-semitas em frente a uma dezena dos seus estudantes.

11/1: 0/20 aos desconhecidos que desenharam pichações racistas sobre os muros de um liceu de Chambéry.

7/1: 0/20 para um jovem de 17 anos. Durante uma viagem a Auschwitz, ele sustentou proposições racistas.

Fonte: *Mon Quotidien*, Play Bac Presse.

● que os fatos de violência escolar permitem dizer

A atualidade da violência escolar é então feita de homicídios, agressões sexuais, ofensas racistas, incêndios, roubos e degradações de todos os gêneros. Todos os fatos evocados são incontestáveis. Nosso propósito não é negar estas violências ditas escolares, banalizá-las, minimizá-las ou ainda de atribuí-las a “invasores” exteriores à instituição. Queremos simplesmente dizer que esses fatos de violência ecoados na mídia, por mais graves que sejam, talvez sejam a árvore que esconde a floresta. Este fenômeno não é próprio à violência escolar. Não deixamos de levar em consideração alguns trabalhos que expõem como a mídia pode contribuir à nossa desinformação quando participa de certas exaltações sociais que fazem a unanimidade na opinião. Por exemplo, o analfabetismo. Evidentemente, há iletrados na sociedade francesa. Ninguém pode negar. Mas a compaixão tem esta virtude que consiste em multiplicá-los além da sua existência

real. Não se leu que existiriam até 70% de analfabetos na França¹⁵! E até mesmo a escola, que mais contribuiu para a alfabetização do povo, se vê acusada de ser a causa da ignorância. Outro exemplo, os estupros coletivos (“rotativos”). É claro que os estupros coletivos existem na França. Mas as matérias da *Agence France -Presse* (agência francesa de imprensa) tendem a nos fazer crer que eles surgiram recentemente, enquanto os “blousons noirs” dos anos 60 não deixavam nada a desejar nesse aspecto aos jovens magrebinos, hoje em dia estigmatizados por estes casos¹⁶. Um último exemplo, para nos levar à questão da violência escolar.

Um recente estudo de Benjamin Paty¹⁷, baseado na análise de conteúdo de um corpo de textos sobre violência escolar, mostra o desvio semântico que se opera progressivamente entre as publicações científicas, as matérias da *Agence France-Presse* e seu desenvolvimento jornalístico. Além do fato que os atos de violência sejam mais ou menos relacionados de acordo com a atualidade, a imprensa enfatiza, nas suas interpretações, as causas de tipo sócio-econômico, assim como a dimensão “grupala” das violências escolares apresentadas, enquanto essas são apenas um aspecto da realidade.

A isto equivale dizer que o comentário dos fatos da sociedade é freqüentemente a ocasião de falar de outra coisa. Parece que a França brinca de amedrontar-se trazendo com ela a mídia, cujo poder bem conhecemos¹⁸. Falando nisso, a França que disserta à vontade sobre seu declínio econômico, a queda do seu nível escolar e, agora, do aumento da violência escolar, soube encontrar o culpado ideal. Pois, muitos dos casos de violência evocados até agora nos remetem aos jovens franceses saídos da imigração magrebina. São eles os mais freqüentemente visados quando se fala das violências sexuais no colégio. Foi também para proteger suas irmãs que alguns defenderam a interdição do uso do véu na escola.

Eles são muitas vezes responsabilizados pelas “rotações” (estupro coletivo) nos bairros desfavorecidos ou ainda acusados do vandalismo nas últimas manifestações dos liceus. Todas as estatísticas marcam estes jovens com o rótulo da violência escolar: o que é lógico quando elas esquecem de “comparar, em outras situações, coisas semelhantes”¹⁹. É como se essa França que entra no século XXI não convivesse confortavelmente com uma parte da sua juventude. Etnocentrismo, comunitarismo, discriminação, anti-semitismo, pós-colonialismo... Tantos temas que ressoam dentro das análises da mídia destes últimos anos e que não poupam mais a instituição escolar. A questão da autoridade cara à Hannah Arendt²⁰ é substituída, neste caso, pela problemática da igualdade de oportunidades.

Quando a mídia dá a palavra aos especialistas

Tudo se passa como se a França tivesse encontrado uma nova “classe perigosa”²¹, frente a qual as portas da discriminação escolar fecharam-se subitamente²², manifesta por estas violências escolares e sua confusão²³. Essa é mais uma razão para ficar vigilante a respeito do discurso sobre a violência escolar e a expressão que ela encontra na mídia. Tudo acontece como se a violência escolar, que sempre existiu sob formas diferentes e por vezes legítimas²⁴, fosse a ocasião de expressar um mal-estar social fundamental que ultrapassa a simples questão da violência escolar. Evidentemente, a mídia quer entrevistar alguns especialistas ou constituir relatórios nos quais a intenção de distanciamento é evidente. Mas o sensacionalismo, o exemplo que “mata”, o homicídio anteriormente citado, o estupro, o *racket*, o incêndio, os vândalos racistas ou anti-semitas... são *in fine* os fatos que os leitores retêm além da análise de fundo muitas vezes desenvolvida. E, de fato, instaura-se um deslocamento entre a violência vivida no cotidiano e nos estabeleci-

mentos escolares franceses pelos estudantes e funcionários, e a imagem desta que a mídia contribuiu para forjar na opinião pública.

Os cientistas explicam, entretanto, que a escola não é uma “fortaleza cercada”²⁵, que “a violência atinge menos a escola do que outros espaços da sociedade”²⁶ e que “a violência não nasceu ontem”²⁷. Eles não hesitam em sugerir que o sentimento de insegurança pode desenvolver-se nas sociedades ao passo que a violência civil diminui sensivelmente ou, ainda, que “as pessoas que sentem-se mais ameaçadas não são necessariamente as que mais o são”²⁸, etc. Os especialistas indicam que a escola ainda é um lugar largamente protegido dos crimes e delitos determinados pelo código penal: um refúgio de paz comparado à sociedade, onde os acidentes de trânsito e as agressões fazem legião. Mas, apesar dessas explicações, a opinião pública entende como quer. O 8 de março evocado anteriormente é também o Dia Internacional da Mulher. Os jornalistas aproveitaram para nos lembrar que, a cada cinco dias, uma mulher morre vítima de violência conjugal na França! As ordens de grandeza não têm nada a ver com a frequência das violências escolares do mesmo nível.

Da mesma forma que não têm nada a ver o número de fatos de violência grave na escola com o número de jovens vítimas de agressões cometidas por adultos. Sem contar os acidentes no trânsito ou domésticos e mesmo os suicídios...

Lembrar que os atos de violência escolar só representam de fato 2,5% da delinquência juvenil²⁹ parece ilusório quando a opinião pública não quer ouvir. No final das contas, se os homicídios escolares na França não podem ser comparados com aqueles registrados nos Estados Unidos, por exemplo, o amálgama é freqüentemente feito. “Sonhar com detectores de metais nas portas das escolas é desproporcional à realidade dos fatos”, diz Eric Debarbieux³⁰, sociólogo responsável do Observatório europeu de violências escolares. Porém, no dia seguinte ao assassinato do estudante de Or-

léans, um jornalista termina sua matéria relatando as proposições de um professor do estabelecimento, muito afetado pelo falecimento do estudante, que parece lamentar o fato de não poder “instalar detectores na entrada das universidades”³¹.

Mas, como observa François Dubet, numa reflexão sobre a utilidade do discurso sociológico em educação³², não é fácil ir contra as certezas do senso comum.

A face imersa do iceberg: as incivildades

Então, o que são estas violências escolares cotidianas cuja importância é minimizada pela mídia e que são o essencial dos fatos de violência escolar na França hoje em dia?

Na verdade, há um consenso na comunidade sociológica para dizer que tratam-se de “incivildades”, ou seja, de transgressões dos códigos elementares da vida em sociedade. De fato, se podemos deplorar a cada ano mais de mil atos de violência física com armas e, evidentemente, alguns homicídios, o cotidiano da vida escolar é constituído por várias dezenas de milhares de insultos e ameaças graves, várias dezenas de milhares de violências físicas sem armas e de várias dezenas de milhares de roubos ou tentativas de roubo. “A violência no meio escolar é, tanto na França como no exterior, uma violência cotidiana, feita de pequenas vitimizações, de pequenos delitos, em suma, de microviolência”, diz Eric Debarbieux³³. O ministro da Educação nacional tenta, há alguns anos, contabilizar os atos graves de violência escolar. Estes atos dividem-se nos anos de 2003 e 2004:

(Ver quadro na próxima página)

(Fonte: HOULIÉ, Rodolphe. Les actes de violence à l'école recensés dans Signa en 2003-2004. In: *Note d'information*, ed. 25, pp. 2-5, 2004).

Tipos de atentados	Tipos de atos - anos 2003/2004	Porcentagem	Quantidade
Atentado pessoal físico	Calçada	-	0,3%
	Insulto ou ameaça grave	32,5%	24,7%
	Racket ou tentativa	1,3%	2,3%
	Violência física ou ameaça	4,7%	1,7%
	Violência física com arma ou arma por destinação	2,1%	2%
	Violência física sem arma	25,4%	29,2%
Atentado aos bens	Danos locais	5%	5,6%
	Danificação dos materiais de segurança	-	1,1%
	Danificação de materiais outros que os materiais de segurança	1,5%	1,5%
	Danificação de veículos	2,5%	1,6%
	Danificação de bens pessoais outros que veículos	0,4%	0,5%
	Danificação de bens pessoais outros que veículos	0,7%	0,3%
	Incêndios	1%	2,3%
Furto	8,7%	10,5%	
Atentado segurança	Armas falsas	-	1,7%
	Intrusão de pessoas estrangeiras no estabelecimento	2,9%	2,6%
	Atirador	2,7%	2,8%
	Lançamento de pedras ou outros projectis	-	0,1%
	Parte de arma de fogo	0,4%	0,9%
	Parte de arma curta que arma de fogo	0,6%	0,7%
Atos atrevidos	Tentativa de incêndio	-	-
	Constante de estupefantes	-	2,6%
	Toxico de estupefantes	-	1%
	Toxico outro que de estupefantes	-	0,3%
	Tentativa de suicídio	-	0,7%
Suicídio	-	-	
Outros atos graves	6,3%	5%	
	4031 atos		11.366 atos

Por querer marcar muito a opinião pública com fatos extremos, termina-se por desviar a atenção do que constitui o principal dos fatos de violência constatados no estabelecimento escolar, ou seja, as agressões verbais, como observam certos jornalistas³⁴. Há dez anos, antes que a Educação nacional francesa estabelecesse sua própria contagem, os serviços de segurança pública do Ministério do Interior constataavam, em 1993, dois homicídios, 981 registros de atos de pancada e ferimentos intencionais, 244 atentados aos costumes (dos quais 36 estupros), 983 *rackets*, 3694 roubos e 3195 depredações (dos quais 167 por incêndio)³⁵.

Estes números, que certamente não podem ser comparados (os insultos, por exemplo, não são aqui levados em conta como hoje em dia), já testemunhavam o caráter excepcional dos atos os mais graves, da presença de agressões de caráter sexual e, é claro, da importância dos roubos e depredações diversas. Desde janeiro de 2004, o Ministério da Educação nacional francês isola os fatos de violência escolar cuja motivação é ou o racismo ou o anti-semitismo que vemos na atualidade: eles correspondem a 3% dos atos e atingem um a cada dez estabelecimentos³⁶. Quando a palavra é dada aos atores da instituição escolar, corpo docente e estudantes, sobre o quadro de estu-

dos sobre a vitimização, a constatação é globalmente a mesma. Quase dois terços dos professores aos quais é pedida a descrição de um exemplo de violência escolar citam uma violência verbal ou seja, uma incivilidade. Idem para os estudantes³⁷. Mas não é fácil fazer notícia com incivildades!

Lembre-mo-nos da consulta nacional dos alunos de liceu organizada em 1998 sobre a questão dos saberes, depois das várias manifestações estudantis dos anos 1990. Ela deixara entender, além da questão posta, que os escolares desejavam, antes de tudo, um pouco mais de consideração da parte do seu corpo docente. Eles pediam à instituição, cuja legitimidade diminui³⁸, mais respeito. Isso é primordial, quando sabe-se que a falta de respeito legítima estes insultos que “envenenam” a vida dos estabelecimentos escolares³⁹ e desencadeiam, sem dúvida, as mais graves violências. No mês de fevereiro de 2005, a Inspeção geral da educação nacional tornava público, via internet, um relatório sobre os maus-tratos verbais e físicos das crianças de escola primária⁴⁰, que todos pensavam para sempre abolidos. Ora, a humilhação continua evidentemente “uma forma de autoridade muito empregada” na Educação nacional, como lembra o sociólogo Pierre Merle⁴¹, enquanto as classes ficam, às vezes, como “zonas de não-direito”!

Uma violência institucional sempre presente

Acabamos de ver que os fatos de violência escolar encontram logicamente seu espaço na mídia, cuja missão é dar conta da atualidade. Para convencer-se basta contabilizar as notícias da AFP e os artigos da imprensa sobre o tema⁴². Finalizando, diremos que esta profusão gera dois tipos de observações: uma quantitativa e uma qualitativa. A primeira é ligada à dificuldade que existe em comparar no tempo os números da violência escolar. Isso facilita sua instrumentalização. E dentro de um contexto nacional

onde a insegurança é um sentimento dividido, há um risco de que se exibam dados estatísticos da violência escolar independentemente dos dados reais. A tendência será, certamente, vê-los sempre aumentando a fim de responder a uma procura da sociedade.

A segunda observação é aquela que mais desenvolvemos nestas paginas. Fazer a atualidade a partir de fatos excepcionais gera uma primeira distorção, pela qual a mídia pretende realçar-se. Enfatizando os delitos em detrimento das incivildades, as notícias mostram a violência escolar através de um prisma deformador, valorizando na análise destas incivildades os fatores sócio-econômicos. Assim, a violência de origem sociocultural, ou seja, vernacular⁴³, aquela que os jovens importam da “sociedade-selva”⁴⁴ para a “escola-santuário”, mantém, primeiro, a idéia de uma violência de “sauvageon”⁴⁵ integrada num discurso sobre a decadência da nossa sociedade de dez anos mais velha; a mídia minimiza, em seguida, os fatos de violência dita reacional, aquela cuja origem está na instituição escolar, a violência a qual certos alunos respondem como podem. Ora, a violência institucional não desapareceu dos estabelecimentos sobre os quais se concentra, mais do que nunca, a missão de definir o mérito de cada um, mérito a partir do qual as posições sociais serão distribuídas por quase toda a vida. Esta luta pelo bom espaço via instituição escolar, fabrica e fabricará “excluídos”⁴⁶ e “humilhados”⁴⁷ cujas violências são a medida das esperanças frustradas.

Notas

Texto traduzido do francês por Naiana Pinto Soares

* Professor de Sociologia na Universidade Paul Valéry – Montpellier III. Doutor em Sociologia Pela Universidade de Toulouse le Mirail. Diretor do Departamento de Sociologia. Pesquisador no Institut de Recherches Sociologiques & Anthropologiques e no Centre de

- Recherches sur l'Imaginaire. Contato: Jean-paul.laurens@univ-montp3.fr
- 1 DURKHEIM, Emile. *L'Éducation morale*. Paris: Alcan, 1925.
 - 2 ELIAS, Norbert. *La Civilisation des mœurs*. Paris: Calman-Levy, 1973 [1939].
 - 3 CHARLOT, Bernard. Violence à l'école: la dimension "ethnique" du problème. In: *Ville-Ecole-Intégration Enjeux*, ed. 121, 2000.
 - 4 Intervenção do ministro delegado sobre o ensino escolar de 2003 durante um debate com um dos seus predecessores. In: *L'Express*, 13 de março de 2003.
 - 5 Intervenção do Presidente da República francesa divulgada por GURREY, Béatrice. *A Nîmes, Jacques Chirac cajole Dominique de Villepin*. In: *Le Monde*, 10 de novembro de 2004.
 - 6 A partir de análises como aquelas de BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Editions de minuit, 1970. Ou FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.
 - 7 Assédio de alunos por outros na intenção de roubar os pertences, da merenda à roupa ou dinheiro [ndtr].
 - 8 DUBET, François. Les figures de la violence à l'école. In: *Revue française de pédagogie*, ed. 123, p. 37, 1998.
 - 9 FIZE, Michel. *Les Pièges de la mixité scolaire. Réussite des filles et échec des garçons, désarroi des élèves et déprime des enseignants, comportements sexistes et violences sexuelles*. Paris: Presses de la renaissance, 2003.
 - 10 Os estudantes da periferia (departamento 93) contra os de Paris (departamento 75) [ndtr].
 - 11 JUNGHANS, Pascal. *La Fracture scolaire*. Paris: Syros, 1997.
 - 12 LARONCHE, Martine. Des lycéens occupent leurs établissements et bloquent des rectorats pour obtenir le retrait de la loi Fillon. In: *Le Monde*, 2 de abril de 2005.
 - 13 Enquanto finalizamos este artigo, um vilarejo do sul do Aveyron organiza, para o prazer de 70 candidatos, durante um belo dia ensolarado de julho, uma verdadeira-falsa sessão do... Certificado de estudos!
 - 14 ARIÈS, Paul. *Putain de ta marque!: la pub contre l'esprit de révolte*. Villeurbanne: Golias, 2003.
 - 15 LAHIRE, Bernard. *L'Invention de l'illettrisme L'Invention de l'«illettrisme»: Rhétorique publique, éthique et stigmates*. Paris: La découverte, 1999.
 - 16 MUCCHIELLI, Laurent. *Le Scandale des "tournantes". Dérives médiatiques, contre enquête sociologique*. Paris: La découverte, 2005.
 - 17 PATY, Benjamin. *La violence à l'école: Etude d'une représentation sociale comme facteur de stress des enseignants*. Université de Reims, Tese de doutorado em Psicologia Social, 2004.
 - 18 Este poder se manifestou recentemente, quando a emoção provocada pela mídia, após o surgimento do tsunami na Ásia, em 26 de dezembro de 2004, favoreceu uma onda de generosidade sem precedentes.
 - 19 PAYET, Jean-Paul. Violence à l'école et ethnicité: les "raisons pratiques" d'un amalgame. In: *Ville-Ecole-Intégration Enjeux*, ed. 121, 2000.
 - 20 ARENDT, Hannah. *La Crise de la culture*. Paris: Gallimard, 1972 [1954].
 - 21 CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Plon, 1959.
 - 22 BEAUD, Stéphane. "80% au bac..." et après? *Les enfants de la démocratisation scolaire*. Paris: La découverte, 2002.
 - 23 PAYET, Jean-Paul. Violence à l'école: les coulisses du procès. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997.
 - 24 Pensamos nas caloradas (hoje proibidas) que Theodor Adorno analisava como "uma forma preliminar dos atos de violência nazis". Eduquer après Auschwitz. In: *Modèles critiques*. Paris: Payot, 1984 [1966]. p. 212.
 - 25 Análise de Eric Debarbieux relatada pelo jornalista Luc Bronner. Plus d'un élève sur cinq se sent en situation de forte insécurité. In: *Le Monde*, 31 de janeiro de 2004.
 - 26 CHARLOT, Bernard. Violences scolaires: représentations,

- pratiques et normes. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997. p. 1.
- 27 PROST, Antoine Prost. La violence scolaire ne date pas d'hier. In: *Le Monde de l'éducation*, junho de 2005.
- 28 DUBET, François. Les figures de la violence à l'école. In: *Revue française de pédagogie*, ed. 123, p. 37, 1998.
- 29 DEBARBIEUX, Eric; DUPUCH, Alix; MONTOYA, Yves. Pour en finir avec le "handicap socio-violent": une approche comparative de la violence en milieu scolaire. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997.
- 30 DEBARBIEUX, Eric; DUPUCH, Alix; MONTOYA, Yves. Pour en finir avec le "handicap socio-violent": une approche comparative de la violence en milieu scolaire. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997.
- 31 BLECHER, Ludovic; GUICHARD, Mourad. Julia, idée fixe jusqu'au meurtre. In: *Libération*, 24 de junho de 2005.
- 32 DUBET, François. Pourquoi ne croit-on pas les sociologues?. In: *Education et sociétés*, ed. 9, 2002.
- 33 BRONNER, Luc. Plus d'un élève sur cinq se sent en situation de forte insécurité. In: *Le Monde*, 31 de janeiro de 2004.
- 34 BRONNER, Luc Bronner. L'insulte et les menaces, premier poison pour les enseignants. In: *Le Monde*, 14 de dezembro de 2004.
- 35 *Mineurs, femmes, personnes âgées; quelques données statistiques*. Direction centrale de la sécurité publique; Ministère de l'intérieur, junho de 1994.
- 36 HOULIÉ, Rodolphe. Les actes de violence à l'école recensés dans Signa en 2003-2004. In: *Note d'information*, ed. 25, 2004.
- 37 COSLIN, Pierre G. A propos des comportements violents observés au sein des collègues. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997.
- 38 DUBET, François Dubet. *Le Déclin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.
- 39 BRONNER, Luc. L'insulte et les menaces, premier poison pour les enseignants. In: *Le Monde*, 14 de dezembro de 2004.
- 40 BRONNER, Luc. "Aveu d'impuissance" ou "faiblesse éducative", un rapport décrit la maltraitance à l'école. In: *Le Monde*, 22 de fevereiro de 2005.
- 41 DAVIDENKOFF, Emmanuel. Pierre Merle, sociologue, regrette que les classes soient des zones de non droit: Humilier, une forme d'autorité très usité. In: *Libération*, 20 de junho de 2005.
- 42 Mais de 500 notícias da *Agence France-Presse* entre 1997 e 2000. Os jornais *Libération*, *La Croix* e *Le Monde* publicaram quase 400 artigos sobre o assunto entre setembro de 1995 e julho de 2001. Por exemplo: PATY, Benjamin Paty. *La violence à l'école: Etude d'une représentation sociale comme facteur de stress des enseignants*, Université de Reims, Tese de doutorado em Psicologia Social, 2004. De junho de 2004 a junho de 2005, a Europress.com oferece 17 artigos do *Le Monde*, cinco do *Libération* e 10 do *La Croix*, tendo a ocorrência "violência escolar", além de 45 notícias da Afp. O *Google* lista mais de 33 mil páginas a partir das palavras-chave "violência(s) escolar(es)".
- 43 BALLION, Robert Ballion. Les difficultés des lycées vues à travers les transgressions. In: CHARLOT, Bernard; EMIN, Jean-Claude. *Violences à l'école. Etat des savoirs*. Paris: Colin, 1997.
- 44 Observação feita por Eric Debarbieux a partir de uma análise de conteúdo de 150 artigos da imprensa publicados entre 1992 e 1996. DEBARBIEUX, Eric. Le professeur et le sauvageon. Violence à l'école, incivilité et postmodernité. In: *Revue française de pédagogie*, ed. 123, 1998.
- 45 Observação feita por Eric Debarbieux a partir de uma análise de conteúdo de 150 artigos da imprensa publicados entre 1992 e 1996. DEBARBIEUX, Eric. Le professeur et le sauvageon. Violence à l'école, incivilité et postmodernité. In: *Revue française de pédagogie*, ed. 123, 1998.
- 46 BORDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick Champagne. Les exclus de l'intérieur. BORDIEU, Pierre. *La Misère du monde*. Paris: Seuil, 1993.
- 47 DUBET, François. *L'Ecole des chances. Qu'est-ce qu'une école juste?*. Paris: Seuil, 2004.